



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS UFNT  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DEBORA OLIVEIRA SILVA**

**DONA MARIA MADALENA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA GUERRILHA DO  
ARAGUAIA**

**ARAGUAÍNA, TO  
2023**

**Debora Oliveira Silva**

**Dona Maria Madalena: histórias e memórias da Guerrilha do Araguaia**

Artigo apresentado á Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) Campus universitário de Araguaína, para obtenção de título de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr Moisés Pereira Silva

**ARAGUAÍNA, TO.**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

O48d

Oliveira Silva, Debora.

DONA MARIA MADALENA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS  
DA GUERRILHA DO ARAGUAIA. / Debora Oliveira Silva. –  
Araguaína, TO, 2023. 21 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de História, 2023.

Orientador: Moisés Pereira Silva.

1. Os caminhos da pesquisa. 2. Ditadura Civil-Militar e a “guerra  
popular” no Araguaia. 3. Os estranhos amigáveis. 4. Presença militar na  
região. I. Título

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal. **Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**


Debora oliveira silva

Dona Maria Madalena: histórias e memórias da Guerrilha do Araguaia

Monografia/artigo apresentado a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Universitário de Araguaína para obtenção do título de licenciada em História foi avaliado para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 08/12/2023

Banca Examinadora:


Documento assinado digitalmente  
 MOISES PEREIRA DA SILVA  
Data: 14/06/2024 22:27:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Moisés Pereira da Silva - Orientador (UFNT)

---

Prof. Dr. Examinador Marcos Edilson de Araújo Clemente - Membro interno (UFNT)

Documento assinado digitalmente  
 WELLINGTON SAMPAIO DA SILVA  
Data: 18/06/2024 16:12:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Examinador Wellington Sampaio da Silva - Membro externo (IFTO)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e por ter me dado forças para superar todos os desafios que surgiram ao longo desses quatro anos de graduação.

A dona Maria Madalena por compartilhar sua história e suas memórias, até as mais dolorosas, para que esse trabalho pudesse ser realizado, foi um privilégio poder elaborar esse artigo a partir de suas reminiscências.

Ao meu esposo Guilherme Henrique Pereira das Chagas, por sempre me apoiar, incentivar e amparar não só durante esse percurso formativo, mas em todos os momentos.

Aos meus pais, Oziel Sousa Silva e Odinelia dos Santos Silva, por todo amor e cuidado que sempre tiveram por mim, por todo esforço e dedicação para que esse sonho de cursar o ensino superior se realizasse, essa conquista também é mérito de vocês.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Dr Moisés Pereira Silva, pela contribuição na minha formação acadêmica, pelas instruções em programas de extensões e projeto de iniciação científica, que ampliaram de forma significativa meu conhecimento a cerca do tema Guerrilha do Araguaia, e sucessivamente pelas orientações para que esse trabalho se concretizasse.

À Universidade federal do Norte do Tocantins e aos meus professores do curso de História que foram essenciais para a minha formação acadêmica e preparação da prática docente, em especial à professora Dra Sariza Oliveira Caetano Venâncio que, não só motivou como acompanhou o processo de início da escrita desse artigo, sua contribuição foi imprescindível para transformar essa etapa de fundamentação uma prática menos difícil.

Aos meus amigos que estiveram comigo a cada passo desse trajeto, vocês tornaram os semestres mais cansativos em períodos mais plácidos. Maria de Lourdes, sua amizade foi a maior dádiva que pude ter nesses quatro anos, sou extremamente grata por sempre acreditar em mim, por todo incentivo, não só em cada parte da elaboração desse trabalho, mas em tudo na minha vida. Mateus, você contribuiu não só para esse trabalho trazendo estímulo e encorajamento, mas também para a construção da minha prática de ensinar ao compartilhar suas experiências em sala de aula. Sou grata por tudo que aprendi com vocês.

*“Vocês que não me conhecem, eu sou a Madalena. A guerreira aqui da região de Santa Cruz. [...] eu tenho orgulho de dizer, eu mesmo vou me viralizar, antes das pessoas falar, eu venho e falo, né! Eu tenho orgulho de dizer que eu sou uma guerreira, porque eu sou mesmo né”. (Dona Madalena)*

## RESUMO

A guerrilha do Araguaia foi um evento histórico que ocorreu entre 1966, quando os primeiros guerrilheiros chegaram ao Araguaia, e 1974, quando foram executados os últimos focos de resistência. O objeto desse texto é a memória sobre a Guerrilha do Araguaia a partir dos depoimentos da camponesa Maria Madalena Lopes da Silva, nascida e criada na Vila Santa Cruz dos Martírios, São Geraldo-PA, palco dos enfrentamentos e da violência que deixou marcas permanentes entre os camponeses, como é o caso de Madalena, que ainda hoje sofre com o trauma que adquiriu durante o período. Tendo a memória como fonte, e utilizando o método da história oral, pretende-se nesse trabalho, a partir da trajetória de vida da dona Madalena discorrer sobre a relação da população com os guerrilheiros e o impacto causado pela chegada dos militares na região, e como isso afetou a vida da comunidade.

**Palavras-chaves:** Guerrilha do Araguaia, ditadura militar, violência, memória.

## ABSTRACT

*The Araguaia guerrilla was a historic event that occurred between 1966, when the first guerrillas arrived in Araguaia, and 1974, when the last pockets of resistance were executed. The object of this text is the memory of the Araguaia Guerrilla based on the testimonies of peasant Maria Madalena Lopes da Silva, born and raised in Vila Santa Cruz dos Martírios, São Geraldo-PA, the scene of confrontations and violence that left permanent marks between the peasants, as is the case of Madalena, who still suffers today from the trauma she acquired during the period. Taking memory as a source, and using the method of oral history, the aim of this work, based on the life trajectory of Dona Madalena, is to discuss the relationship between the population and the guerrillas and the impact caused by the arrival of the military in the region, and how this affected community life.*

*Keywords: Araguaia Guerrilla, military dictatorship, violence, memory.*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 OS CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>9</b>
<b>3 DITADURA CIVIL-MILITAR E A “GUERRA POPULAR” NO ARAGUAIA.....</b>	<b>10</b>
<b>3.1 OS ESTRANHOS AMIGÁVEIS.....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 PRESENÇA MILITAR NA REGIÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 31 de março de 1964 é iniciado no Brasil um golpe militar que se consuma com a deposição do então presidente João Goulart. Pelos vinte e um anos seguintes (1964-1985) o Brasil foi governado por uma ditadura civil-militar. Nesse período houve censura à imprensa, moderação dos direitos políticos e repressão aos opositores do regime. Os instrumentos legais da repressão foram os “atos institucionais”; o mais radical deles o Ato Institucional N° 5, constituído no governo do Marechal Arthur da Costa e Silva (1967-1969), continha doze artigos e traziam mudanças drásticas para o Brasil. Através desse decreto, a garantia de *habeas corpus* em casos de crimes políticos foi proibida, e o Congresso Nacional foi fechado, além disso, o presidente teve a autorização para decretar estado de sítio por tempo indeterminado, para apreender bens privados, para controlar todos os estados e municípios, desonerar cargos públicos e cassar mandatos.

Em consequência à natureza antidemocrática da ditadura, especialmente a partir do AI-5, desenvolveram-se atividades de resistência por todo país, ainda que de forma desarticulada por efeito das próprias estratégias de repressão empreendidas pelo regime. Em resposta a falta de alternativa para a oposição legal, grupos de esquerda, como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), começaram a agir na clandestinidade e adotar táticas de guerrilha, urbana e rural. É desse contexto que nasce, inspirada principalmente na Revolução Chinesa, a Guerrilha do Araguaia, movimento armado de iniciativa dos militantes do PC do B que estabeleceu suas bases no Araguaia, entre o sul do Pará, o então norte de Goiás e o sudeste maranhense.

Dona Maria Madalena Lopes da Silva, moradora da Vila Santa Cruz dos Martírios, no município de São Geraldo do Araguaia, é personagem bastante significativa para o entendimento das repercussões da Ditadura Civil-Militar entre os camponeses. O ano de seu nascimento coincide com o início do Ditadura, 1964, e a ação da repressão também a alcançaria no seu lugar de nascimento, e de vida até os tempos atuais. A região de dona Madalena foi um dos palcos principais da Guerrilha por ter sido usado como acampamento militar à época. Lá Madalena conheceu alguns guerrilheiros, e teve uma relação próxima com eles, o que lhe custou muito caro. Ademais, essa vila fica bastante próxima da região escolhida pelos guerrilheiros para se protegerem e lutarem contra os militares, a Serra das Andorinhas. As características naturais da região, principalmente o relevo, permitiam que os guerrilheiros tivessem considerável vantagem em termos de observação, locomoção, alimento

e proteção, o que lhes requereu conhecimentos da mata e dos pontos que favoreciam a resistência e o combate.

Passados 60 anos do Regime Civil-Militar e 55 anos da chegada dos primeiros militantes do PC do B ao Araguaia, a história da Guerrilha, especialmente no contexto da educação básica, ainda é tema a ser conhecido. Em consequência dos últimos eventos políticos no Brasil, a cisão social provocada pela ideologia autoritária torna ainda mais necessária a memória do terror, como forma de não repeti-lo. Casos de desaparecimentos ainda continuam abertos, efeitos traumáticos permanecem nos moradores do Araguaia, sequela de um tempo que ficou marcado na história dessas pessoas, entre elas, dona Maria Madalena.

Atualmente, no contexto acadêmico, foram realizadas muitas pesquisas sobre o assunto, resultando disso, considerável literatura. Predomina na historiografia sobre a história da Guerrilha do Araguaia três tendências: uma a partir da perspectiva das forças armadas, na perspectiva dos guerrilheiros e a terceira, discutindo os reflexos da violência armada do ponto de vista camponês (LIMA, 2018). Entretanto, mesmo as pesquisas que procuram destacar a participação dos camponeses nesse acontecimento histórico, na maioria das vezes o fazem a partir da perspectiva masculina (MEDEIROS; MEDEIROS; FERREIRA, 2022), ignorando a existência, a resistência e o sofrimento das mulheres camponesas que viviam no palco da guerrilha do Araguaia. É nesse sentido, de valorizar essas existências femininas marginalizadas, que essa pesquisa buscou compreender o evento Guerrilha do Araguaia a partir da memória de Dona Maria Madalena, buscando destacar a perspectiva camponesa feminina sobre esse processo histórico.

## **2 OS CAMINHOS DA PESQUISA**

Tentando entender a Guerrilha do Araguaia a partir da memória camponesa foram realizadas algumas entrevistas dentro do Programa de Iniciação Científica, PIBIC, com bolsa da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Nesse artigo, além das entrevistas realizadas nas atividades do PIBIC, foram aproveitadas também entrevistas realizadas no âmbito do Programa Alvorecer, do curso de História, em 2021. Das duas experiências, com fundamento nos estudos de Thompson (1992), Portelli (1997) e Verena Alberti (2004) aproveitamos as entrevistas com a Dona Maria Madalena, tendo em vista a trajetória de vida como modelo para o trabalho com a memória.

Thompson (1992) entende a História Oral como uma forma singular de documentar a experiência humana, pois permite acesso direto às vivências dos sujeitos comuns, suas

memórias e perspectivas. Isso significa dizer que a história oral é caracterizada como uma metodologia de pesquisa que procura ouvir e registrar vozes dos sujeitos que, quase nunca, figuram na história oficial. Destarte, nossa pretensão foi incorporar a voz da camponesa Maria Madalena, à história do acontecimento mais importante ocorrido em toda a região do Araguaia, a Guerrilha do Araguaia.

Nesse trabalho desenvolvemos o conceito de memória à luz das reflexões do historiador francês Jacques Le Goff, através da obra *História e Memória (1990)*. De acordo com Le Goff “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1996, p. 423). Essa memória está ancorada no conjunto de relações que o indivíduo estabelece com os demais membros de seu grupo, que é a dimensão coletiva dessa memória. Assim, ainda tendo Le Goff como referência, conclui-se que a memória individual é influenciada pela memória coletiva, mas também pode se opor a ela e modificá-la. A memória coletiva também depende da memória individual, pois é formada pela soma e pela seleção das memórias dos indivíduos que compõem o grupo. É nesse contexto de memória significada pela experiência que é coletiva que analisamos a memória de Dona Maria Madalena no contexto da Guerrilha do Araguaia, uma memória que embora sua, é atravessada pelas experiências de outros sujeitos que, com ela, experienciaram, sofreram e resistiram durante a Ditadura Civil-Militar. Dessa forma o propósito dessa pesquisa foi entender esse importante acontecimento histórico, que também é um fenômeno social a partir da trajetória de uma mulher, que consideramos singular. Para isso nos baseamos na memória de Madalena, que através de sua reminiscência pessoal somada às reminiscências das pessoas com quem ela conviveu durante a guerrilha, constitui também uma memória coletiva.

### **3 DITADURA CIVIL-MILITAR E A “GUERRA POPULAR” NO ARAGUAIA**

Logo após o golpe militar, em 1964, se iniciou a perseguição a todos os opositores do regime; os partidos de esquerda além de serem postos na ilegalidade, tiveram muitos de seus membros presos, torturados e mortos; isso, porque eram vistos pelo regime militar como ameaça à sua ordem e a segurança nacional. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) era um dos maiores partidos de esquerda do país durante o período, mas sofreu com a perseguição severa da ditadura civil-militar. Foi proibido em 1964 e teve suas atividades suspensas até 1985. Muitos de seus membros foram presos, exilados, torturados e mortos. Além disso, as figuras ligadas ao PCB foram marcadas pela ideia de subversão, o que possibilitou uma série

de abusos de direitos e também a eliminação física de muitos de seus membros. O entendimento da atuação dos militantes do PC do B requer compreensão do próprio contexto do partido, inclusive a cisão interna, anterior à ditadura.

O Partido Comunista do Brasil (PCdoB), protagonista da Guerrilha do Araguaia, foi criado pouco antes do início da ditadura, em 1962, surgido a partir de uma cisão no Partido Comunista Brasileiro (PCB). A cisão ocorreu devido a divergências políticas e estratégicas entre os membros do partido. De um lado estavam membros que defendiam uma estratégia mais pacífica para a realização de transformações sociais. Do outro lado estavam os membros que acreditavam na inevitabilidade do uso de força armada para alcançar as reformas desejadas.

Prevalecia no PCB a defesa de uma transição pacífica do capitalismo para o socialismo, e para isso buscava aliança com outros partidos de esquerda para pressionar o governo a realizar reformas sociais. Também defendiam que a burguesia nacional, principalmente parte dessa classe vinculada à Indústria, era essencial para um processo gradual de democratização no país que abrisse espaço para o socialismo. Já o grupo que fundou o PCdoB, acreditava ser impossível alcançar as mudanças desejadas através de um caminho pacífico e que o uso da violência seria inevitável, prevendo exatamente a ação negativa das forças reacionárias. (BRASIL, 2014, v. 1; 2). Essas divergências não foram as únicas, a própria relação com a Internacional era ponto de discordância. Mas, o que resultou no racha do partido foi o desacordo sobre os rumos da política interna brasileira. A cisão foi liderada por João Amazonas e Mauricio Grabois, que posteriormente se tornariam líderes do PCdoB. O partido, desde sua criação, passou a ser o principal representante da linha revolucionária no Brasil, com ações voltadas para a organização de grupos armados e a criação de frentes de luta armada, como é o exemplo da Guerrilha do Araguaia.

O foco principal da luta política do PCdoB, tendo em vista o contexto da sociedade brasileira na época, era o combate ao imperialismo e ao latifúndio. De acordo com o próprio partido, o país não estava pronto para uma revolução socialista, mas sim, um movimento de natureza democrática, anti-imperialista, e principalmente reformador das estruturas agrárias. Em 1966 o partido começa a definir de forma mais específica a sua estratégia de luta política no Brasil. Nesse mesmo ano um grupo de militantes do partido PCdoB foi escolhido para treinar na China, que nesse contexto estava sobre o governo comunista de Mao Tsé-Tung. A intenção do PCdoB era iniciar um movimento armado à luz da experiência chinesa. O plano era abrir uma frente revolucionária no interior do país, integrar as massas da zona rural, criar

um exercito regular, abrangendo também trabalhadores urbanos e desencadear uma guerra popular prolongada. (MORAIS; SILVA, 2011).

Foram realizadas três missões de militantes brasileiros para treinamento político e militar na China, nas cidades de Pequim e Nanquim. Os primeiros militantes e futuros guerrilheiros a serem recebidos na China foram, Oswaldo Orlando da Costa, João Carlos Haas, José Humberto Bronca, Divino Ferreira de Souza, Miguel Pereira dos Santos, Micheas Gomes de Almeida e Ângelo Arroyo. (BRASIL, 2014, v. 1; 2).

Após o período de preparação, inicia-se a prática do plano da guerra popular, e a região escolhida pelo PCdoB foi o Araguaia, uma escolha nada aleatória, pois, foi feita a partir de um minucioso estudo da região. De acordo com a “*Cópia do estudo do PCdoB para a implantação da guerrilha rural no Araguaia (1968-1972)*”, foi realizada uma intensa pesquisa para escolher uma região que favorecesse a luta armada e que também garantisse a sobrevivência das forças guerrilheiras.

O Araguaia foi escolhido por corresponder exatamente às necessidades para o início e desenvolvimento da guerra popular, especificamente a guerra de guerrilha, apresentando um terreno adverso ao inimigo desfavorecendo sua atividade militar. Já para os guerrilheiros o terreno apresenta condições muito favoráveis às táticas de guerrilha, sendo útil a todos seus objetivos.

A região caracteriza-se por ser uma zona fronteira, entre os estados do Maranhão, Goiás (onde hoje é o Tocantins) e Pará. De acordo com o estudo do PCdoB na época, qualquer ação guerrilheira realizada nessa região não só seria sentida nesses estados como também repercutiria em todo país, além da possibilidade dessas ações se estenderem também aos estados do Piauí, Ceará e outros estados do nordeste, levando em consideração a proximidade geográfica desses estados da região do Araguaia e a grande maioria da população ser constituída por cearenses, piauienses e nordestinos.

Outra questão verificada como favorável a implantação e desenvolvimento da guerra de guerrilha foram as vantagens que a selva da região podia fornecer aos combatentes, como, a variedade de fonte de alimentos, tanto vegetais, como animais; viabilidade de habitação e construção de abrigos seguros; a dificuldade que o inimigo encontraria ao tentar utilizar meios modernos de combate e locomoção; além de contar com a vantagem que o rio Araguaia proporcionaria, podendo oferecer tanto uma fonte de alimento (peixes) como uma espécie de barreira aos inimigos em alguma situação específica.

Por fim, a região padecia por falta de assistência do Governo, setores como a saúde e educação funcionavam de forma precária, além do abuso autoritarista que a população sofria por parte da polícia e das autoridades locais, essa situação facilitaria a aproximação dos guerrilheiros e posteriormente um possível apoio e ajuda dos moradores na guerrilha, sendo esse um dos objetivos dos guerrilheiros. (BRASIL, SD, anexo n. 3).

### 3.1 OS ESTRANHOS AMIGÁVEIS

Diante do cenário exposto anteriormente, a opção que se apresentava era a da chamada guerra popular prolongada, como forma de revolução que, segundo o PC do B, se adequaria à realidade brasileira. A guerra popular prolongada se desenvolveria no interior do país e teria como combatentes os camponeses. A formação de um exército camponês tinha como referência os mesmos motivos que levaram à formação desse exército em experiências como a Chinesa e Cubana, a profunda desigualdade social, especialmente no campo, o abandono do Estado nessas regiões e, especialmente, o conflito com o latifúndio. Assim, quando o partido definiu oficialmente suas concepções militares, no documento “*Guerra popular: caminho da luta armada*”<sup>1</sup>, militantes de esquerda já tinham deixado as grandes cidades para buscar locais propícios para fazer o chamado “trabalho de massas” e o treinamento em técnicas de guerrilha rural<sup>2</sup>. Após essas articulações os primeiros guerrilheiros começam a chegar ao Araguaia, sendo o primeiro deles Oswaldo Orlando da Costa (Oswaldão<sup>3</sup>), depois chegaram Nelson Piauhy Dourado (Nelito), João Amazonas (Velho Cid), João Carlos Haas Sobrinho (Dr. Juca), Mauricio Grabois (Mário), Líbero Giancarlo Catiglia (Joca), Ângelo Arroyo (Joaquim) e Elsa Monerat (Dona Maria). (BRASIL, 2014, v. 1; 2).

Em suas lembranças dona Madalena fala sobre a chegada desses guerrilheiros na região, e conta como conheceu Oswaldão:

Primeirim eu lembro assim, que primeirim quem chegou pra cá foi o Oswaldão, aí assim, antes dos outros, entendeu? Aí chegou o Oswaldão, Doutor Murilo, e a Dina, Amauri... Aí os que eu tive conhecimento foi com esses, porque a primeira vez que

<sup>1</sup> PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Guerra popular: caminho da luta armada no Brasil [1969]. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 5/1/2010. Arquivo CNV, 00092.000138/2015-1

<sup>2</sup> PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Estatutos aprovados na 6ª Conferência [1966]. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 10/1/2010. Arquivo CNV, 00092.000139/2015-66; PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Alguns problemas ideológicos da revolução na América Latina [1968]. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 7/1/2010. Arquivo CNV, 00092.000140/2015-91; PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Guerra popular: caminho da luta armada no Brasil [1969]. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 5/1/2010. Arquivo CNV, 00092.000138/2015-11.

<sup>3</sup> Durante a guerrilha, os guerrilheiros usavam codinomes para preservar sua identidade e evitar que fossem reconhecidos pelos agentes da repressão. Os codinomes eram geralmente nomes comuns ou apelidos simples, que podiam ser facilmente lembrados e pronunciados.

o Osvaldão veio de São Geraldo, que eu lembro, quando eu era criança, nós vinhamos por Terra de São Geraldo, eu vi ele... Eu vinha, eu, Minha Mãe e o Ciço (irmão de Madalena), ele trouxe um burro né, Eu vim montada nesse burro dele, eu e o Ciço, ele trouxe. Aí ele trouxe esse burro, aí quando a gente chegou aqui ele foi para roça do meu pai, aí ficou lá mais meu pai, trabalhando, plantando roça. Aí depois ele veio para cá pra Gameleira cortar a castanha, entendeu? Cortar castanha, aí ele levava pro Joaquim Borges, num barco do Joaquim Borges, o Joaquim Borges carregava ele entendeu? Aí meu pai tinha uma colheita de fumo, café, aí ele comprava as coisas na nossa... na mão do meu pai, ia ele ia pra Marabá mais o Joaquim Borges, e ia embora, levar para vender, porque aqui não tinha outra renda. (Madalena, 10-02-2021).

Para dona Madalena, assim como para os moradores da região de Santa Cruz o primeiro contato com essas pessoas estranhas (chamados por muitos de paulistas<sup>4</sup>) foi bastante tranquila, pois, assim como Osvaldão, os outros guerrilheiros também chegaram estabelecendo vínculos amigáveis através de troca de favores e prestações de serviços, esta ação pacífica foi estrategicamente pensada pelos militantes comunistas visando à consolidação da relação com os camponeses.

Em se tratando dessa convivência com os camponeses, um dos guerrilheiros chamado Danilo Carneiro (Nilo) relatou à CNV (Comissão Nacional da Verdade), que o objetivo deles era se “integrar com as massas”, então reagiam conforme as necessidades e especificidades da população, assim, se esses camponeses precisavam de escola, farmácia, ou um comércio, por exemplo, era exatamente nessas áreas que eles deveriam atuar. Diante disso prestaram vários serviços a população, principalmente relacionados à saúde, visto que a região tinha pouco ou nenhum amparo do Estado nesse departamento.

Além de descrever a forma como se aproximaram dos moradores do Araguaia, Danilo também ressalta que priorizavam famílias que tivessem filhos jovens, visando um futuro apoio e integração aos combates contra as forças repressoras. Essa relação de reciprocidade propiciava tanto uma possibilidade de apoio político, quanto uma facilidade na adaptação desses guerrilheiros na região.

Por conseguinte, nas entrevistas realizadas com dona Madalena ela destaca a inteligência e a bondade dos guerrilheiros que ela conheceu, relatando como eles ajudavam as pessoas da vila Santa Cruz:

Eu sei que era umas pessoas muito sabida e boa... Ah, tinha o doutor Murilo que era guerrilheiro, ele tinha uma farmácia aqui na vila... Ajudava, eles ajudava nós [...] E a Dina fazia parto, ela era, ela era enfermeira [...] Eles eram muitas pessoas boas, eles

---

<sup>4</sup> Os moradores da região chamavam os guerrilheiros de paulistas porque a maioria deles era originário do estado de São Paulo, onde tinham estudado e trabalhado antes de se integrarem ao movimento comunista. Segundo o livro *“A guerrilha do Araguaia (1967-1975): Paulistas e militares na Amazônia”*, dos 69 guerrilheiros identificados, 35 eram paulistas, o que representava mais da metade do contingente.

era... eles só faziam bondade, só os outros que fizeram a maldade<sup>5</sup>. (Madalena, 11-09-2021).

É possível perceber a partir desses diálogos, que, para dona Madalena a presença dessas pessoas na região trouxe significativas contribuições, seu testemunho revela a percepção desses guerrilheiros como generosos e caridosos, qualidades que faziam parte da sociabilidade daqueles camponeses, evidenciando a efetivação do objetivo desses militantes em se aproximarem da população local.

Em contraste a essa atuação cooperadora dos guerrilheiros, está a postura adotada pelos militares, pois ao ser questionada sobre uma ação social das forças armadas na região, dona Madalena reclama a negligência cometida na época, as pessoas que adoeciam não recebiam nenhum amparo médico, muitos acabavam morrendo, visto que, a única farmácia que havia na Vila acabou com o início do conflito, já que esse estabelecimento era mantido por um guerrilheiro.

A afirmação de dona Madalena elucida a falta de amplitude e extensão das ações de assistência social que os militares tentaram implantar na região do Araguaia, com a finalidade de evitar que os camponeses apoiassem a causa dos guerrilheiros. A população dantes esquecida e escanteada, nesse momento, passa a ser notada pelo Estado, no entanto, é vista apenas como massa de manobra, pois as Aciso (Ações cívico-sociais), de acordo com o Manual de contraguerrilha do CIE (Centro de Inteligência do Exército) eram essenciais para conseguir a cooperação dos moradores da região e sustentar a operação de contraguerrilha.

### **3.2 PRESENÇA MILITAR NA REGIÃO**

Um ambiente pacato e festivo é como dona Madalena lembra da Vila Santa Cruz antes da chegada das forças armadas na região:

Aqui nunca era violento. Cê dançava a noite todinha, amanhecia o dia, e nego não tinha negócio de briga, era as pessoas tipo uma família, né! Fazia mutirão, assim pra ir apanhar arroz na roça dos outros, né? Aquele dia de domingo era almoço na casa dum compadre, outra na casa da comadre, na semana santa, sexta-feira santa e contava aquelas história, fazia aqueles bolo e rezava [...]. (Madalena, 11-09-2021).

Nas entrevistas, Madalena reforça que a pacificidade continuou após a chegada dos guerrilheiros, no entanto, essa rotina tranquila sofre uma mudança brusca com a chegada dos

---

<sup>5</sup> Quando dona Madalena fala que “só os outros que fizeram a maldade”, ela está se referindo aos militares.

militares na região. A imposição autoritária e violenta das forças armadas cria um clima de medo e terror entre os habitantes de Santa Cruz. Ao falar desse assunto dona Madalena ratifica: “Eu sei que a gente passou medo demais, medo...”. Após montarem acampamento a beira do rio Araguaia, os militares passaram a controlar as atividades cotidianas dos moradores locais, estabelecendo toques de recolher. “Era 18:00 horas, 18:00 horas, tranca as porta e fica todo mundo quietinho dentro de casa, não era pra sair não” (Madalena, 10-02-2021). Além disso, também coordenavam as chegadas e saídas de pessoas da Vila, práticas comuns como caçar, quebrar coco, pescar ou lavar roupa só poderiam ser realizadas com permissão dos soldados:

Foi aí que fechou tudo assim, eles começou em proibir as pessoas a sair a trabalhar. Começou a judiar das pessoa, entendeu! Investigando as pessoa e querendo que as pessoas desse conta dos guerrilheiros sem as pessoas saber onde é que esses guerreiros tava, aí o que foi complicando foi isso. (Madalena, 11-09-2021).

A partir desse momento, os moradores da região passam a viver em constante estado de alerta, dona Madalena conta que no meio do dia ocorriam tiroteios, disparos eram feitos por militares, qualquer ação suspeita era motivo para o uso da força bélica, durante a noite as casas eram cercadas, os militares passavam as armas nas paredes criando pavor e impedindo que os moradores conseguissem dormir, além disso, soldados ficavam espalhados por toda a vila provocando apreensão, pois, mesmo não tendo informações ou sabendo do paradeiro dos guerrilheiros muitos camponeses eram presos e até mesmo torturados, muitos dos quais ficaram com sequelas permanentes dessas violências praticadas pelos militares na tentativa de localizarem o inimigo. Em seus depoimentos Madalena lembra de alguns conhecidos que sofreram esses pesares:

Era só judiando do povo, e esse, o vô do Getúlio aí, ele apanhou, que disse que vomitou sangue. Teve o finado Silvane, que eles bateram também, o finado Germano, fizeram ele comer urubu [...] eles obrigava as pessoas, queria obrigar as pessoa dar conta daquelas pessoas, sem a pessoa saber onde tá, né? Porque depois que some pro mato quem é que vai saber onde que tá, né? Entendeu? O seu Alfraso apareceu, o Murilo apareceu lá na casa dele, aí seu Alfraso deu comida para ele, e dormida, aí dedaram também seu Alfraso, aí pegaram ele, aí seu Elfraso morreu, toda a vida doente véi, a dona Lucy disse que ele foi rebentado, porque eles soltaram ele do avião para baixo, assim, numa altura não muito alto, mas também não foi muito baixo, né? Aí ele quebrou a bacia dele, entendeu? Não mataram mais judiaram né, e assim foi muito né, que sofreu. (Madalena, 11-09-2021).

Diante desses relatos de prisões e punições de camponeses, é importante destacar as condições em que as esposas desses moradores ficavam submetidas. Com os maridos nessas circunstâncias, precisavam assumir sozinhas a responsabilidade de prover o sustento familiar,

mas, como Madalena ressalta, pelo fato de serem proibidas de quebrar coco na mata, para depois vender o azeite que extraíam, essas famílias muitas vezes passavam fome, nessa situação a população mobilizava-se e assim, ajudavam uns aos outros. A própria família de Madalena passou por isso, pois, seu pai ficou preso durante algum tempo, nesse intervalo, a mãe de Madalena fez o que pôde para conseguir alimentar os seus seis filhos, todavia, mesmo com tanto esforço, Madalena relata que passaram muita fome, tendo em vista que ficaram sem absolutamente nada, pois, além de terem detido o seu pai, os militares ainda queimaram a casa e tudo o que a família possuía.

No livro *Operação Araguaia: arquivos secretos da guerrilha*, escrito pelos jornalistas Taís Morais e Elmano Silva, é descrito que essas ações neutralizadoras, como, queimar casas, bater e prender moradores eram executadas com o intuito de destruírem o que os militares chamavam de “rede de apoio”. Nas entrevistas que realizamos um dos pontos mais destacados por dona Madalena, relaciona-se ao não conhecimento das causas guerrilheiras ou mesmo do motivo das ações punitivas dos militares, ela reitera que a prática de oferecer um prato de comida ou uma hospedagem a um forasteiro era um hábito comum dos moradores da Vila, sendo assim, muitos que foram presos, interrogados sob tortura pelos militares por praticarem tal atos não representavam uma força de resistência contra a ditadura, eram simplesmente pessoas solidárias. Interessante destacar que assim como a família de Madalena hospedou Osvaldão, durante a realização da Operação Sucuri<sup>6</sup>, quando os militares passaram um tempo disfarçados na região, a família também acolheu o militar que usava o codinome de José Maria, reforçando a ideia de que acolher pessoas estranhas fazia parte do cotidiano naquela comunidade.

De acordo com um relatório produzido em 1972 pelo CIE, a colaboração dos camponeses era classificada em três grupos: apoio circunstancial (prestavam favores aos guerrilheiros sem interesse em apoiar a causa); apoio por interesse (visavam ganhar alguma coisa e por essa razão ajudavam os guerrilheiros); e apoio ideológico (aqueles que compartilhassem da ideologia dos guerrilheiros). Segundo um documento elaborado pelo Exército no ano de 1973 foram presos mais de 100 camponeses apresentados como rede de apoio da guerrilha, dentre os quais, 90% classificavam-se como apoio circunstancial, 10% apoio por interesse e 0% apoio ideológico, ou seja, a maioria das pessoas que foram presas, acusadas de serem cooperadoras da guerrilha, na verdade eram pessoas que em seus costumes usuais foram hospitaleiras e que não tinham o entendimento de estarem dando suporte para

---

<sup>6</sup> Operação que tinha o objetivo de levantar o máximo de informações possíveis, os militares disfarçados só tinham a permissão de atacar um guerrilheiro caso fosse encontrado: Osvaldão. (MORAIS; SILVA, 2011).

uma luta armada contra o regime, não obstante, quando presas foram postas imediatamente sob tortura. (BRASIL, 2014, v. 1; 2).

Após ser liberado da prisão, o pai de Madalena nunca contou o que aconteceu durante o tempo em que ficou detido, aliás, sempre pedia para que sua família não comentasse com ninguém o que lhes acontecera. Depois do incêndio a mãe de Madalena, traumatizada, não conseguiu mais voltar na antiga casa. Como tudo foi destruído a família precisou lutar muito para conseguir subsistir, por um tempo sobreviveram com a ajuda da comunidade e nunca receberam uma indenização pelos prejuízos causados. A família foi punida por conhecer e manter uma relação próxima com Osvaldão. Dona Madalena rememora o período em que esse guerrilheiro esteve presente em sua vida com afeição, e relembra a sua morte como uma perda, não a perda de um militante do partido PCdoB, ou do líder do destacamento B, mas a perda de um amigo.

Diante do cenário apresentado é imprescindível salientar que Madalena era apenas uma criança nesse período, sua memória evoca uma aflição sem precedentes, era apenas uma garotinha confusa, pois, não conseguia compreender a dimensão de tudo o que estava acontecendo, nem mesmo a razão de está passando por aquilo, derrepente perdera a liberdade que costumava ter para sair e brincar, teve que presenciar a paisagem horrível da sua casa queimada, e tudo o que sua família possuía destruído, tudo o que tinham conquistado durante anos com muito trabalho sendo devastado da noite para o dia. Hoje, carrega consigo as marcas dessas memórias traumáticas, sofrendo de ataques de pânico ao ouvir barulho de helicóptero:

Foi de muito medo pra mim, foi um trauma que até hoje eu tenho, um trauma de zuada de helicóptero, quando eu escuto as zuada do helicóptero... ouço assim meu coração (acelera), só fico lembrando daquele tempo, helicóptero passava e ficava tuc tuc e descendo e enchendo de polícia e passando e carregando gente, né?. (Madalena, 11-09-2021).

O uso em larga escala desse meio de transporte pelos militares se deu pelas condições adversas que a região do Araguaia propiciava, dona Madalena explica que o acesso à vila era muito restrito, tinham que atravessar o rio de canoa, um trajeto longo e demorado, destarte o uso de helicópteros foi muito importante para a realização das operações militares. Tendo em vista que na vila Santa Cruz foi montado um acampamento militar, o fluxo de helicópteros pousando e sobrevoando a área era muito intenso, dona Madalena ressalta que esses transportes aéreos planavam muito próximos às casas, chegando até a arrancar telhados pela

força do vento. É pertinente acentuar inclusive que de acordo com coronel aviador Pedro Cabral, durante as ‘operações de limpeza’<sup>7</sup>, os corpos de guerrilheiros mortos foram transportados por helicópteros e levados a Serra das Andorinhas para serem queimados. O próprio Osvaldão após ser morto em 1974 foi levado pendurado no helicóptero até a base militar em Xambioá, para que todos vissem que a lenda havia morrido (PEIXOTO, 2011).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerrilha do Araguaia foi objeto de sigilo não só pela natureza das operações, sobre as quais há indícios de crimes de guerra, como as execuções sumárias. Prevaleceu para muito além das operações o esforço de repressão à memória desse evento histórico, caro à sociedade brasileira. Enquanto ocorria seu conhecimento era vedado ao povo brasileiro, depois da campanha de extermínio esse silêncio continuou. Houve censura a imprensa e a todos os outros meios de comunicação o que dificultou a disseminação de notícias sobre o conflito. Somente com a luta da sociedade pelo direito à memória, no que tem sido muito importante o papel dos familiares dos desaparecidos do Araguaia, é que alguns arquivos foram abertos e, gradualmente, se vai conhecendo os horrores da repressão civil-militar, especialmente no contexto da Guerrilha do Araguaia.

O silêncio sobre as atrocidades ocorridas durante esse período começa a ser aos poucos rompido (LIMA, 2018). A luta pelo resgate de memória e reparação tem sido árdua e vagarosa, em razão dos esforços das forças armadas em eliminar vestígios da Guerrilha. Abertura, nesse contexto, não pode prescindir do engajamento do campo educacional, espaço e tempo privilegiados de ensino sobre a história do país.

As Famílias dos desaparecidos políticos continuam na busca pelos restos mortais de seus entes queridos, esperançosos em finalmente dar um desfecho a esse episódio lamentável de suas vidas. Outrossim, buscam oferecer a seus parentes falecidos um sepultamento digno. A sociedade em geral, da mesma forma, ainda precisa recompor as narrativas sobre essa parte de sua própria história, no que além das produções acadêmicas, requer repercussão desses estudos nos espaços de sala de aula.

Ao discutir a Guerrilha do Araguaia como uma “história aberta”, Peixoto (2011) acentua como esse conflito e a repressão que se seguiu são temas reprimidos na sociedade e nas escolas, desse modo a memória acaba sendo velada, dificultando a busca por justiça social. Em seu artigo intitulado *Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que*

---

<sup>7</sup> Operações que tinham o objetivo de apagar os rastros do confronto armado e dos corpos deixados enterrados na selva.

*veio depois*, Peixoto relata um exemplo de ação repressora ocorrida em São Geraldo-PA no ano de 2004, quando estudantes da educação básica foram reprimidos pelas autoridades civis e militares do município ao tentarem fazer uma representação da Guerrilha no desfile de 7 de setembro. Por conseguinte, o autor reforça que infelizmente essa temática tão importante para a história da região, cuja situação atual está profundamente conectada com o esse grande evento, tem sido postergado, além do fato de está fora dos currículos escolares.

Decorrente de tais medidas silenciadoras, muitos moradores da região ainda se recusam a falar sobre o que vivenciaram, alguns acreditam que os militares ainda podem voltar e temem a possibilidade desse terror acontecer novamente. À vista disso, assim como o pai de Madalena que levou para o túmulo tudo o que lhe acontecera durante sua detenção, muito dos que já partiram levaram consigo suas memórias de dor e sofrimento que experienciaram nessa guerra. Em contrapartida, dona Madalena enfatiza o desejo em ter sua história contada e de contribuir para o conhecimento desse conflito. Madalena ficou marcada para sempre por esse acontecimento, as cicatrizes são internas e se revelam através do trauma que ela adquiriu nesse período. Uma memória carregada de resistência e coragem de uma mulher camponesa que desenvolveu um apego muito forte por sua região, mesmo após o conflito armado e o clima de medo que permaneceu sobre a localidade, escolheu não abandonar sua terra natal, lá se casou e criou seus sete filhos, e diante de toda sua luta ela mesma se apresenta como, a guerreira de Santa Cruz.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv Editora, 2004. 234 p.

BRASIL. **Relatório da Comissão Nacional da Verdade**. Brasília: CNV, 2014. Vol. 1. [online] Disponível em: <[https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/volume\\_1\\_digital.pdf](https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/volume_1_digital.pdf)>. Acesso em 02 ago. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Tradução Bernardo Leitão [et al.].

LIMA, Beatriz Francisca de. **Mulheres camponesas na Guerrilha do Araguaia**. 2018. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2018. Cap. 5.

MEDEIROS, Euclides Antunes de. GUERRILHA DO ARAGUAIA: Memórias à margem da história. **Outros Tempos**, São Luís, v. 10, n. 16, p. 256-284, 27 nov. 2013. Disponível em:

<[https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/289](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/289)>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MEDEIROS, Olivia Macedo Miranda de; MEDEIROS, Euclides Antunes de; FERREIRA, Wiris Orimar. A Guerrilha do araguaia na memória das mulheres de Xambioá-TO: práticas de cuidado e resistências do cotidiano. **Humanidades e Inovação: Territórios comuns, práticas culturais e econômicas em tempos de Covid-19**. Palmas, v. 9, n. 10, p. 201-215, 29 ago. 2022. Mensal. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/749>>. Acesso em: 05 set. 2022.

MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. **Peração Araguaia: Os arquivos secretos da guerrilha**. 5. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

NASCIMENTO, Durbens. **A Guerrilha do Araguaia (1967-1975): Paulistas e Militares na Amazônia**. Belém: Naea, 2021. 235 p.

PC DO B. Estudo do PC do B para implantação da Guerrilha Rural no Araguaia (1968- 1972). [online] Disponível em: [http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/documentos/Capitulo14/Nota%2010%20-%20BR\\_DFANBSB\\_VAY\\_0042\\_d.pdf](http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/documentos/Capitulo14/Nota%2010%20-%20BR_DFANBSB_VAY_0042_d.pdf). Acesso em: 05 ago. 2021

PEIXOTO, Rodrigo Corrêa Diniz. Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 3, p. 479-499, set.-dez. 2011.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, 14: Cultura e representação, São Paulo, v. 14, p. 25-39, 14 fev. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SILVA, Moisés Pereira; CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo; OLIVEIRA, Jôyara Maria Silva de. A Guerrilha do Araguaia e a memória como direito na educação básica. **Escritas do Tempo**, Marabá, v. 4, n. 11, p. 99-112, 9 set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1865>. Acesso em: 18 nov. 2023.

TELES, Janaína de Almeida. Os segredos e os mitos sobre a Guerrilha do Araguaia (1972-1974). **História Unisinos**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 465-480, 10 fev. 2014. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.183.03>>. Acesso em: 07 out. 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.